

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi

O valor da nossa camisa: práticas de consumo e identificação coletiva entre membros de uma torcida organizada.

Resumo:

No presente trabalho apresento pesquisa realizada junto a *Estopim da Fiel* – uma Torcida Organizada vinculada ao Sport Club Corinthians Paulista, fundada e com sede no município de Diadema, componente da Região Metropolitana de São Paulo. Apresento aqui, com maior atenção, a importância da pesquisa de campo na elaboração e desenvolvimento do objeto da pesquisa, na qual busquei compreender quais são os valores simbólicos impressos na camisa oficial desta torcida que motivam torcedores do Corinthians a se associarem a esta, a comprarem a camisa da mesma e a se atrelarem seus modos de torcer pelo Corinthians, aos modos da Estopim.

Começando uma pesquisa:

Quando analisamos os estudos recentes sobre esportes no Brasil, especificamente no campo da Antropologia, encontramos, conforme indica Simoni Lahud Guedes (2010):

“Em relação às problemáticas teóricas emergentes e, evidentemente, sem intenção de impor a trabalhos distintos uma mesma mirada, eu acentuaria duas vertentes, aparecendo, frequentemente, conectadas entre si ou atravessadas por temas mais tradicionais da Antropologia (como identidades sociais, gênero e relações raciais). Assim, de um lado, diversos trabalhos enfocam o corpo e a corporalidade (...), enquanto outros apontam para a construção de “estilos de vida” específicos e circuitos de sociabilidade bem delimitados.”.

(GUEDES, 2010, p. 444).

Como um tema continuamente explorado nos trabalhos que “apontam para a construção de “estilos de vida” específicos e circuitos de sociabilidade bem delimitados” (GUEDES, 2010, p. 444), a autora aponta os estudos referentes às torcidas organizadas, cujas contribuições se dão no sentido de que “discutem e questionam a expressão reducionista, evidenciando as formas próprias pelas quais esses torcedores se veem e veem a sua prática” (GUEDES, 2010, p. 448). Assim, a presente pesquisa assenta relevância ao situar-se nestes contextos: investigo um circuito de sociabilidade que é formado em uma torcida organizada.

No entanto, algumas perguntas foram suscitadas após o primeiro contato com uma breve bibliografia abrangendo as temáticas da antropologia das práticas esportivas e antropologia urbana: o que investigar em um circuito de sociabilidade formado em uma torcida organizada? Como recortar um objeto, entre tantos sujeitos, a ser observado?

Partindo de noções pessoais anteriores à realização da pesquisa (e até estimulantes para tal), e também do contato com obras como o livro “Torcidas Organizadas de Futebol”, de Luis Henrique de Toledo (1996), considerava-se que cada torcida organizada de futebol possui suas especificidades, que, por um lado, contemplam as formas de torcer compreendidas pelos membros da mesma como a mais eficaz para apoiar e incentivar um time e, por outro lado, que lhe garante diferenciações perante as demais torcidas organizadas e torcedores do mesmo clube.

Na leitura de “Torcidas Organizadas de Futebol” encontrei a ideia de “marcas distintivas”, que seriam entre as peças, específicas de cada torcida organizada, que são expostos publicamente por cada torcida organizada, os quais compõem a presença visual da torcida organizada em um estádio de futebol (TOLEDO, 1996). Tais peças são criadas visando representar simbólica e publicamente uma coletividade torcedora, a qual é acessada por sujeitos que partilham de uma vontade inicial em comum: frequentar os jogos de um mesmo clube de futebol. No entanto, uma pergunta persistia e outras surgiam: o que observar? Seria possível realizar uma pesquisa sobre marcas distintivas, especificamente? Então, realizar algumas idas a campo para compreender o que poderia observar para desdobrar a pesquisa de iniciação científica, mostrou-se necessário – e novas perguntas surgiram, sobretudo: em que torcida me inserir como pesquisador?

Após realizar incursões etnográficas em torcidas distintas, sendo, algumas delas, na Estopim da Fiel, em Diadema, construí perguntas e encontrei, a partir desta preliminar pesquisa de campo, um objeto de estudo a ser pensado, adiante, nesta coletividade¹.

Hipóteses para um objeto de estudo:

Meu interesse por essa torcida, frente a tantas outras torcidas organizadas presentes nos estádios acompanhando times paulistas, se deu por diversas razões, dentre elas um audacioso projeto realizado pelos membros desta para saudar o centenário do Sport Club Corinthians Paulista, intitulado “cem bandeiras”. Neste, membros da Estopim confeccionaram e levaram ao estádio do Pacaembu, em jogo realizado três dias após o centésimo aniversário do clube, no ano de dois mil e dez, cem bandeiras (de 3 x 3,5 metros cada) com diversas imagens alusivas à interpretação que esta torcida faz da história do clube: jogadores eleitos como “ídolos” da torcida, imagens de times campeões e símbolos do clube. Busquei descobrir, através de páginas da internet, o histórico e a localização desta torcida, e, após uma breve pesquisa virtual, fui à sede da mesma, localizada no centro de Diadema/SP, tanto para conhecê-la quanto para apresentar-me como estudante interessado em realizar uma pesquisa naquele coletivo.

Tendo em vista questionamentos sobre quais motivos atraíam torcedores, auto nomeados como corintianos, a se associarem à uma torcida organizada específica, organizei esta primeira ida a campo, portanto, tendo como questão norteadora a seguinte pergunta: “as marcas distintivas da Estopim da Fiel são preponderantes para que um torcedor corintiano se associe a esta torcida e não outras²?”. Tinha por hipótese inicial que a grandiosidade dada ao projeto cem bandeiras poderia ter um destaque entre os membros atuais da torcida, tanto entre os mais antigos, quanto entre os mais recentes.

¹Desta pesquisa resultou o meu trabalho de conclusão de curso, apresentado sob a forma de monografia, intitulada: “vestir para se identificar, se identificar para vestir: a camisa oficial da Estopim da Fiel como elemento de construção e representação dos valores deste coletivo”.

² À época da pesquisa, além da Estopim da Fiel, outras cinco torcidas organizadas exibiam bandeiras e faixas nas arquibancadas de jogos do Corinthians: Gaviões da Fiel, Camisa 12, Pavilhão 9, Fiel Macabra e Coringão Chopp.

Sendo visto mais como um jornalista do que como um aspirante a antropólogo³, iniciei minha pesquisa de campo em uma conversa formal com o membro que à época era responsável pela comunicação da torcida, e que se apresentava pelo apelido de *Fósforo*, em uma quinta feira a tarde (dia útil e sem jogo do Corinthians), em que estavam na sede da torcida, além deste membro, outros dois, responsáveis pela loja da mesma. *Fósforo*, acompanhado de um DVD com mais de uma hora de imagens da torcida, apresentou-me um panorama histórico da mesma: fora fundada em 1979, adiante, já na década de 1980 se tornou escola de samba, em 1993 deixou de ir aos jogos do Corinthians (mantendo apenas as atividades de samba e os ditos “projetos sociais”), sendo retomadas as atividades de torcida organizada no ano 2000.

Nesta primeira ida a sede da Estopim, busquei captar com o olhar a maior quantidade possível de detalhes na sede da torcida: pinturas nas paredes, faixas expostas, placas com informes, cartazes de festas, as vestes dos membros presentes. Neste exercício, um item e um fato me chamaram a atenção: a camisa oficial da Estopim da Fiel, deveras exposta em espaços da sede, e a loja da mesma – que vende produtos exclusivamente alusivos a esta organizada -, passagem obrigatória para quem deseja visitar a sede, que é aberta diariamente, inclusive aos domingos em que há jogos do Corinthians. Comecei aqui, a considerar a hipótese de um estudo voltado para o consumo de produtos da torcida.

A citada camisa oficial é preta com sete listras brancas, e traz, no lado esquerdo do peito, o escudo da Estopim da Fiel – um círculo perfeito, dentro do qual há o símbolo atual do Corinthians, circundado por um pavio com chamas nas pontas e os escritos “estopim”, na parte superior do círculo, e “raça e atitude”, um dos lemas desta organizada, na parte inferior. No lado direito do peito um bordado que indica a história da torcida, ressaltando o ano de fundação da mesma: “desde 1979”. Na parte traseira, outros elementos são acionados: como o mascote da torcida, um Urso, que veste a camisa da torcida e segura, com as garras expostas, um símbolo do Corinthians, e outro lema da organizada: “falou mais alto a tradição”.

³ O que se deu muito, compreendo, em razão da minha inexperiência de atuação como tal: como perguntar, como registrar, como explicar o que fazia lá? Esta inexperiência, somada à constante presença de jornalistas nos espaços do futebol causaram uma situação que até hoje me faz pensar o meu posicionamento neste campo de pesquisa.

A estética da camisa, preta com sete listras brancas, explicou-me *Fósforo*, não foi escolhida aleatoriamente dentre as diversas possibilidades de combinações para as cores preto e branco, privilegiando-se a primeira. Havia ali a interpretação da Estopim da Fiel sobre a história do Corinthians: o intuito com esta camisa é o de criar uma “réplica” do modelo utilizado pelos jogadores do clube quando da conquista do campeonato paulista de 1977, com o qual se encerrou um período de 23 anos sem conquistar títulos. Segundo *Fósforo*, para a Estopim esta é “a maior conquista do Corinthians em todos os tempos”, de modo que a camisa oficial da torcida visa prestar tributo a essa conquista e, sobretudo, a esta interpretação⁴.

Na sede, em distintos espaços, observei imagens em que a camisa oficial era acompanhada do escrito: “jogo do timão: camisa oficial, dever do associado”. A mesma camisa era vista em pinturas do mascote da torcida, a representação de um urso, devidamente trajado com a camisa, a qual recebia também destaque na vitrine principal da loja e no corpo de um dos membros presentes à sede naquela tarde.

Na semana seguinte, retornei à sede da Estopim com o intuito de acompanhar a mesma em um jogo do Corinthians no Pacaembu. Cheguei cedo em Diadema, visando acompanhar a movimentação de organização para a ida ao jogo. Acompanhar o que envolvi um dia de jogo do Corinthians para a Estopim da Fiel.

Apresentava-me às pessoas que eu cumprimentava ou que me cumprimentavam (e perguntavam se eu era sócio novo) como estudante de ciências sociais, e dizia que estava realizando uma pesquisa sobre torcidas organizadas. Quando era aberta a possibilidade de desenvolver um diálogo, iniciava a conversa com uma pergunta: “há quanto tempo está na Estopim?”. As respostas que os associados concediam suscitavam o desenvolvimento do diálogo com novas perguntas, como: “por que a Estopim e não outra torcida organizada?”, “quais foram as motivações para que você se associasse à Estopim?”. Nestes diálogos, muitas das respostas indicavam como uma referência ao pertencimento à Estopim, justamente, a camisa oficial da torcida: “a Estopim me chamou a atenção por causa da padronização⁵ perfeita que faz nas arquibancadas”; “vim

⁴ Adiante descobriria que esta interpretação se estenderia ao nome dado ao ônibus da torcida, nomeado de “buzo 77”.

⁵ No vocabulário nativo a padronização é um dos elementos fundamentais para a torcida fazer-se percebida coletivamente no estádio. A padronização, na Estopim da Fiel, consiste em ocupar um espaço nas arquibancadas abaixo dos membros responsáveis por tocar instrumentos de bateria de samba, neste

para a Estopim porque queria entrar para uma torcida organizada, e como a camisa do Corinthians pra mim tem que ser preta, fiquei entre a Gaviões e a Estopim⁶, ai acabei vindo pra Estopim por causa da camisa mesmo, que lembra mais o Corinthians”.

Observei neste dia de jogo do Corinthians que a ideia de “jogo do timão: camisa oficial, dever do associado”, conforme indicavam as imagens na sede da torcida, era uma ideia acatada pelos associados da mesma, uma vez que, durante o jogo, eram poucos os torcedores presentes no setor ocupado pela Estopim na arquibancada que não vestiam tal peça. Igualmente notei que muitos associados iam para o jogo com outra camisa, e vestiam o modelo oficial no ônibus, pouco antes de realizarem o desembarque e a entrada no estádio.

Duas semanas adiante novamente realizei etnografia acompanhando membros da Estopim da Fiel em seus preparativos para o jogo e a ida, em si, para este. Tal qual anteriormente, o uso da camisa oficial da torcida e a presença desta nas falas dos associados teve relativo destaque, inclusive ao ser informado que a Estopim realizaria, em breve, o lançamento de três bandeirões novos em um mesmo jogo, sendo um deles uma versão em grandiosas proporções da camisa da Estopim.

A elaboração do objeto:

Tendo realizado algumas observações participantes com torcedores do Corinthians membros e frequentadores dos espaços tidos como “da Estopim”, possuía em mãos alguns dados, materializados na forma de anotações de campo e fotografias. Compartilhando-os com o professor Antônio Mendes da Costa Braga⁷, e dialogando sobre o que eu vira durante a realização de etnografias, o mesmo julgou a camisa oficial da torcida como um objeto *bom para pensar*, pertinente para estudo. Entretanto, novas questões foram surgindo: o que estudar na camisa? Como abordar tal tema com os torcedores? O que pode ser pensado a partir da camisa? Pensá-la como um bem de

espaço se “acomodam” os demais torcedores da torcida trajando este mesmo modelo de camisa, com o intuito de criar um impacto visual monocromático neste determinado espaço ocupado pelos torcedores.

⁶ Do universo de torcidas organizadas corintianas, as únicas duas que tem como camisas oficiais modelos que priorizam a cor preta.

⁷ Professor assistente-doutor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/Marília, o qual me orientou na realização da pesquisa de iniciação científica.

consumo, puramente? Procurar entender por quais motivos era ela a “oficial” e as outras apenas “camisas”?

Alguns dados do campo indicavam boas pistas para o prosseguimento desta pesquisa: a camisa oficial apenas poderia ser comprada por sócios da Estopim; a camisa era acionada como um relevante motivo no que diz respeito à aproximação de torcedores corintianos não organizados ou sócios de outras organizadas da Estopim; buscava-se com esta camisa expor uma “interpretação coletiva” acerca da história do Corinthians; os “lembretes” espalhados pela sede cobrando como obrigatório o uso da mesma nos dias de jogos; e, por fim, a criação de um bandeirão que tornava esta peça de consumo individual, em um totem coletivo de grandes dimensões⁸.

Retomando as leituras iniciais, encontrei em Toledo (1996) um trecho interessante para pensar este objeto:

“Sem dúvida, o momento maior de uma Torcida Organizada são os próprios dias dos jogos. Momentos em que a condição de ser um torcedor organizado aciona as *marcas distintivas* dos grupos, ou seja, *marcas de identificação*, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas. E uma das marcas mais importantes que a Torcida Organizada exibe no domínio público é a sua camisa”.

(TOLEDO, 1996 p. 52, grifos meus).

Considerarei que a valorização e a exaltação à camisa oficial da Estopim – tanto por “diretores” da torcida, que a divulgavam como um bem obrigatório aos associados, quanto por associados, que se aproximavam da torcida a partir dela e repetiam movimentos e falas de exaltação a mesma – era uma forma de afirmar a importância de a Estopim possuir uma marca distintiva, de uso individual e de valoração simbólica coletiva frente aos demais torcedores corintianos.

⁸ O bandeirão é aberto durante os jogos em momentos específicos: quando se iniciam os tempos da partida e após os gols do Corinthians. Permanece, desde antes do princípio da partida, enrolado ao chão – ou na parte superior das arquibancadas, ou na parte inferior – e é desenrolado por cima dos torcedores, em um movimento que envolve agilidade dos responsáveis pelas “bandeiras”, que puxam um extenso e pesado pedaço de pano, e a cooperação dos demais torcedores, para que ele permaneça bem esticado e seja recolhido após um bom período de exibição.

Era necessário, então, formular novas perguntas, e, para tanto, fez-se necessário recorrer a novas referências bibliográficas. Assim, foi-me indicado pelo professor Antônio obras que diziam respeito à antropologia do consumo, dentre elas: “Cultura, consumo e identidade”, de Livia Barbosa e Colin Campbell (2006) e “o mundo dos bens: para uma antropologia do consumo”, de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004).

Nesta primeira obra, a partir dos ensaios e artigos nela organizados, tive uma noção inicial de pesquisas antropológicas que lidam com temas referentes ao consumo na sociedade capitalista, como a construção e elaboração de significados sobre produtos e serviços adquiridos. Na segunda, mais extensa e conceitual, encontrei boas referências para pensar o fenômeno que havia observado e que estava me propondo observar com maior atenção, como a ideia de consumo como um “sistema de significação”, cuja “verdadeira necessidade que supre é a necessidade simbólica” (DOUGLAS, ISHERWOOD, p. 16).

Ademais, para pensar o vínculo entre torcida e clube, acionado em falas que relegam um diálogo entre a Estopim e a história do Corinthians, que se faria presente em razão da existência da torcida e da estética da camisa, bem como, falas torcedoras com afirmações sobre a história do Corinthians, procurei referências bibliográficas sobre o clube⁹, que, entre outros, envolviam alguns volumes de literatura classificada como “apaixonada”¹⁰, a tese de mestrado de Plínio Labriola Negreiros, intitulada “Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916” (NEGREIROS, 1992) e visitas ao “memorial do Corinthians”¹¹.

Assim, soou pertinente questionar: o que faz desta camisa uma marca distintiva? Quais símbolos nela impressos comunicam o que aos torcedores que a vestem? Como a camisa é acionada como uma ponte (ou uma barreira) entre estes torcedores e a noção

⁹ E também, visando ter conhecimento sobre a história do Corinthians, para interagir em conversas que circundavam acontecimentos já longínquos no tempo, ocorridos, muitas vezes, em períodos anteriores ao nascimento dos presentes conversando sobre o assunto.

¹⁰ Na obra de Negreiros (1992), encontrou-se o conceito de “literatura apaixonada”, fazendo referência a publicações de “caráter relativamente parcial” acerca deste clube, muitas vezes voltadas aos torcedores com o intuito de informar (e formar) a história do Sport Club Corinthians Paulista, baseando-se no engrandecimento deste clube. Apesar do claro viés “apaixonado” (e pouco científico), estas publicações se fazem relevantes por permitirem compreender a fonte de muitos dos discursos torcedores. Edições da revista “Fiel Torcida” e textos publicados em blogs de torcedores foram parte deste aporte teórico.

¹¹ Museu montado dentro da sede social do clube, onde estão expostas taças, camisas, bolas, são exibidos filmes e demais objetos selecionados para relatar e materializar a história do Corinthians.

que possuem, constroem e experimentam da história do clube? Torcedores corintianos membros da Estopim da Fiel se vestem com essa camisa para se identificar com um sistema de significação, se diferenciar frente outros torcedores, ou, antes, se identificam com tais valores, signos e significados presentes nesta peça para então vesti-la?

O desenvolvimento do objeto de pesquisa:

Passados alguns meses, retornei à sede da Estopim. Com novas perguntas e treinando o olhar e o ouvir para estar atento às manifestações referentes à camisa oficial desta torcida organizada, preparei-me para mais algumas incursões etnográficas entre o centro de Diadema e o estádio do Pacaembu. Sendo o empreendimento de acompanhar “um dia de jogo” concretizando-se como um dia em si, para muito além dos noventa minutos da partida, e chegando a abarcar onze horas seguidas¹², o que se fez importante para compreender de perto como o futebol é “parte constitutiva na elaboração de um *estilo de vida* próprio” (TOLEDO, 1996, p. 114).

Após um breve período acompanhando a Estopim “de longe”, por meio de redes sociais e fóruns virtuais da mesma¹³, quando retornei à sede para um dia de jogo do Corinthians, notei que algumas mudanças haviam ocorrido: a reforma e estilização do bar no segundo andar, a troca pelo responsável no setor de comunicações, alguns produtos novos na loja. A camisa oficial, entretanto, seguia sendo colocada em um patamar diferenciado nos discursos e nas práticas dos membros da torcida, o que pude observar acompanhando a Estopim em mais três partidas do Corinthians e, nos momentos anteriores a dois destes jogos¹⁴, dando maior atenção à movimentação na loja da mesma.

Pude observar, na loja da Estopim, que o ato de associar-se e comprar a camisa eram, frequentemente, realizados conjuntamente. Em uma única situação em que observei o associar-se – preencher uma ficha com dados pessoais, entregar uma foto 3x4

¹² Na oportunidade em que acompanhei a torcida em jogo válido pelo Campeonato Paulista de 2012, cheguei à sede da Estopim em torno das onze horas da manhã, a partida teve início às dezessete horas, chegamos à sede da torcida, após o jogo, por volta das vinte e uma horas, e eu fui entrar de volta na casa em que estava hospedado, por volta das vinte e duas horas.

¹³ Especificamente, páginas e grupos criados por membros da Estopim da Fiel nos sites Facebook e Orkut. Não utilizei este acesso como um material etnográfico, mas sim como uma forma de manter-me a par do que ocorria e era discutido, em uma esfera mais pública e aberta, entre os associados.

¹⁴ Na terceira ocasião, encontrei-me com a torcida já no estádio, e a etnografia limitou-se, neste dia específico, aos momentos do jogo.

e pagar a quantia de R\$15,00 – não sendo seguido da compra da camisa, mas sim do ingresso para o jogo que ocorreria naquela tarde, o torcedor revelou-me posteriormente sua estratégia: “esse mês foi a associação e o jogo, mês que vem compro a camisa, se eu comprar hoje não vou poder entrar com ela no jogo mesmo¹⁵”. Observei, entretanto, que este torcedor já possuía conhecidos na torcida, o que registrei ao vê-lo circulando entre distintos grupos nos momentos anteriores à saída do ônibus para o jogo e no próprio ônibus. Entretanto, observando o que ocorria com recorrência na loja, notava, cada vez mais, a relevância da camisa como *ponte* entre Corintianos e Estopim: “pra comprar a camisa tem que se associar? Tranquilo, quanto custa a associação?”, foram as perguntas de outro torcedor, que, em um dia de jogo, se associou, comprou a camisa, saiu da sede vestindo-a, mas não foi ao jogo.

Nesta segunda etapa de etnografias, pude observar com maior atenção modos como a camisa era utilizada nos dias de jogos: alguns torcedores passavam todo o período “pré jogo” já com ela, enquanto outros a vestiam apenas para adentrar o estádio, e outros, ainda, apenas a vestiam ao chegar a sede da Estopim¹⁶, porém, no momento do jogo, a grande maioria dos associados estava vestido com tal peça. Observei também como se dava, na arquibancada do Pacaembu, a organização da torcida considerando o uso e o não uso da camisa oficial, igualmente, a quais membros, que não estavam com a camisa oficial, era autorizada a permanência “junto” com a torcida, rompendo com a “padronização” da mesma em nome da posição e do *status* que estes teriam com o coletivo.

As conversas com os associados, nesta etapa, eram mais assentadas em questões como, “em que situações você usa a sua camisa oficial?” e “ainda não entendi, por que esse urso segurando o símbolo do Corinthians?”, as quais foram trazendo respostas que, posteriormente contrastadas com o que eu via ocorrer entre os torcedores e com a bibliografia consultada, permitiram alcançar algumas conclusões sobre a mesma.

¹⁵ Referindo-se a necessidade de, além da associação na torcida, possuir um cadastro na Federação Paulista de Futebol para poder entrar no estádio com roupas de torcidas organizadas, o que é realizado de tempos em tempos nas sedes das torcidas organizadas, em dias específicos e sem um intervalo habitual.

¹⁶ Em conversa com um torcedor, que encontrei no metrô indo para a sede em um dia de jogo, o qual reconheci de outra ida minha à sede, o mesmo não vestia a camisa da Estopim, mas sim uma camiseta com estampa em nada alusiva a futebol. Perguntei se, desta vez, estava indo sem a camisa para o jogo, e sua resposta foi negativa, disse-me que estava com a camisa no bolso da bermuda, e que a vestiria ao chegar à sede, pois o Santos jogaria naquela mesma tarde, e, embora a partida deste clube fosse na cidade de Santos, ele temia um possível encontro com torcedores organizados desta equipe rival.

Considerações finais:

Tendo acompanhado e registrado ações de membros deste grupo durante períodos de tempo próximos, pude construir algumas conclusões, que dizem respeito a uma temporalidade específica desta coletividade, sobre vínculos entre torcedores e camisa oficial.

A primeira delas diz respeito ao acesso restrito a este bem. Uma das formas de construir uma diferenciação simbólica sobre esta camisa, entendo, é através do que Colin Campbell e Livia Barbosa indicam como sendo a “venda de acesso a produtos” (2006, p. 25). Todas as outras camisas e produtos disponíveis na loja podem ser adquiridos por qualquer sujeito que possua a quantia financeira correspondente ao preço delas, a oficial, no entanto, apenas será adquirida por aqueles que puderem comprovar, por meio da apresentação da carteirinha de sócio ou da aquisição do serviço de associado, que se identificaram com a torcida e se tornaram associados. A oficial é *diferente, é especial, é única*, pois é restrita aos sócios.

Adiante, considerando esta camisa como uma peça de roupa utilizada em dias de jogo do Corinthians, que são conforme já citado em Luiz Henrique de Toledo “o momento maior de uma Torcida Organizada” (1996, p.52), é possível considerá-la um bem de consumo acionado em momentos rituais, assim, como um “acessório ritual”:

“Os rituais são convenções que constituem definições públicas visíveis. Antes da iniciação, havia um menino, depois dela, um homem (...) Viver sem rituais é viver sem significados claros e, possivelmente, sem memórias (...) Os bens, nessa perspectiva, são acessórios rituais; o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos”.

(DOUGLAS, ISHERWOOD, 2004, p. 112).

Por fim, cabe indicar, com uma breve paráfrase ao trecho acima que, “antes da associação e compra da camisa, havia um Corintiano, depois de ambas, há um Estopim”. A camisa, assim, tem a agência de dar outro sentido ao papel do torcedor, ao integrá-lo a uma série de rituais e valorações coletivas.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas*. In: *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens – para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. *Esporte, Lazer e Sociabilidade*. In: In: Carlos Benedito Martins; Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia*. São Paulo: Anpocs; Discurso Editorial, Barcarolla, 2010, v. 1.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

PEIRANO, Mariza G.S. *A Análise Antropológica de Rituais*. In, *Série Antropológica*, Brasília/DF, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Ed. Autores Associados/Anpocs, 1996 (coleção educação física e esportes).